



A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL A PARTIR DA FESTA DO CONGO CAPIXABA

Katiane Silva de Oliveira – katiane.kso@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Sabrina Oliveira de Figueiredo – sab.figueiredo@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Este artigo considera “festas” como organizações, nos termos de Davel e Paiva Júnior (2019). A festa popular, objeto deste estudo, foi a Festa de Congo, de origem africana e caracterizada por aspectos religiosos e por manifestações festivas, concomitantemente. O objetivo do estudo foi compreender os aspectos simbólicos da Festa do Congo na resignificação do espaço social. O *locus* da pesquisa foi a tradicional Festa do Congo de São Benedito, na localidade de Pitanga, no Espírito Santo. As bases teóricas do estudo pautaram-se em considerações do Simbolismo Organizacional e da Produção do Espaço Social. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, cuja produção de dados contemplou observação participante e entrevistas a partir de perguntas abertas. O campo de pesquisa revelou achados que demonstraram que aspectos simbólicos da Festa do Congo de São Benedito, em todas as suas etapas (sacro e profana), transformaram o espaço social da localidade, onde a Festa se manifesta. Os aspectos simbólicos resignificaram, especialmente, as pessoas que compartilharam o espaço social, as interações entre as pessoas, o significado do espaço e o sentimento das pessoas com relação ao espaço.

Palavras-Chave: Simbolismo organizacional; Resignificação do espaço; Festa; Congo.

1. INTRODUÇÃO

As Festas de Congo ou Congadas, tradicionais festas brasileiras, de origem africana, rememorizam cerimônias de coroação de reis africanos (PASSOS, 2002) e, enquanto manifestações populares, contemplam um misto de ritos e procissões, envoltos a danças, músicas, instrumentos musicais e devoção a santos católicos (COSTA; MATTOS, 2017; FERREIRA, 2020). No país, há registros dessas festas em Minas Gerais (BORGES; ENOQUE; KATRIB; GONÇALVES, 2016), Goiás (FERREIRA, 2020) e Espírito Santo (COSTA; MATTOS, 2017; SILVA; FANTINEL, 2021). Nessas localidades, o Congo ou a Congada constitui-se em patrimônio cultural imaterial (FERREIRA, 2020; ESPÍRITO SANTO, 2015). Apesar das especificidades locais, essas festas apresentam em comum o caráter sacro-profano, quer dizer, há concomitantemente aspectos religiosos e profanos, nos termos de Amaral (2008).

Na área de Estudos Organizacionais brasileiros, as Festas de Congo ou as Congadas ainda são pouco exploradas. O estudo mais recente, publicado por Silva e Fantinel (2021), buscou refletir sobre a produção de desigualdades e resistências na organização da festa do

Congo de Roda D'água, Espírito Santo, valendo-se de uma perspectiva micropolítica. Borges et al. (2016), por sua vez, tiveram como foco compreender as práticas de organização das festas de Congado realizadas em um município do Triângulo Mineiro, Minas Gerais. Considerando o interesse pelo campo de pesquisa e as oportunidades na área, este presente estudo pretende refletir sobre elementos que não foram objetos das pesquisas citadas anteriormente, quais sejam, aspectos simbólicos das festas de congo que são impactantes na ressignificação (transformação) do espaço social e urbano onde elas se manifestam.

Diante do exposto, este estudo tem como propósito responder ao seguinte problema de pesquisa: *como os aspectos simbólicos da Festa do Congo impactam na ressignificação do espaço social?* Reflexivamente, o objetivo do estudo é *compreender os aspectos simbólicos da Festa do Congo na ressignificação do espaço social*. O *lócus* da pesquisa foi delimitado à Festa do Congo de São Benedito, na localidade de Pitanga, município de Serra, Espírito Santo. A Festa do Congo de Pitanga, como é conhecida, acontece anualmente há mais de 60 anos.

Para alcançar o objetivo deste artigo, optou-se pela realização de uma pesquisa de natureza qualitativa (BAUER; GASKELL, 2017). Os dados foram produzidos a partir da imersão no campo de pesquisa por parte de uma das autoras, que é moradora de Pitanga há cerca de 30 anos, portanto, detém com propriedade conhecimento sobre o espaço urbano e social do bairro. Além de moradora, a pesquisadora é participante ativa da Festa, objeto do estudo. Ao longo de dois meses imersos no campo de pesquisa no ano de 2019, foram realizadas observações participantes e entrevistas com moradores do bairro, integrantes da Banda de Congo e participantes da Festa do Congo, além de registros de fotos da Festa. O material produzido foi analisado pelas pesquisadoras sob a lente das abordagens teóricas adotadas nesse estudo – Simbolismo Organizacional e Produção do Espaço Social.

Os achados desta pesquisa permitirão contribuir empiricamente com o avanço do campo de Estudos Organizacionais dedicados a estudar “festas” como objeto de estudo, e mais propriamente, as Festas de Congo ou Congadas, tão tradicionais e relevantes no território brasileiro. Na Administração, ainda é restrito o rol de estudos que se debruçam sobre as “festas populares” – como organizações, que seguem um processo organizativo – considerando-as como objeto de estudo (DAVEL; PAIVA JÚNIOR, 2019; DAVEL; DANTAS, 2019). Contudo, a limitação acadêmica também indica possibilidades de discussão e análise de festas populares. Nesse sentido, o presente artigo também poderá contribuir metodologicamente, pois a presença de uma pesquisadora-nativa, moradora do bairro e participante da Festa, significa acesso privilegiado ao campo de pesquisa e aprofundamento dos meandros que envolvem uma festa popular com características tão peculiares como a Festa de Congo. Além disso, ao evidenciar traços tão elementares da cultura popular brasileira em uma determinada comunidade, este estudo tem o potencial de contribuir não somente para os Estudos Organizacionais, mas para a sociedade, em termos gerais.

No que concerne à organização, este artigo está subdividido assim: sequencialmente após a introdução encontra-se o capítulo com reflexões teóricas; seguido da metodologia e apresentação do campo de pesquisa; e, por fim, as considerações finais e as referências.

2. REFLEXÕES TEÓRICAS

Esse capítulo trará resumidamente considerações teóricas a respeito das categorias de análise que constituem o objetivo proposto para o estudo. As interfaces teóricas e seus principais elementos são relevantes para refletir sobre os dados que emergiram a partir do campo de pesquisa.

Em se tratando do *Simbolismo Organizacional*, primeiramente, é necessário registrar algumas ponderações sobre os símbolos. Nas áreas da Sociologia, Antropologia e Psicologia, os símbolos significam qualquer elemento, como um evento, objeto, relacionamento, que direcionam a um significado (PARDINI; GONÇALVES; KILIMNIK, 2008). Bourdieu (1989) acrescenta que o poder simbólico é invisível e somente pode ser praticado com cumplicidade dos que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que o exercem; o poder simbólico é uma concepção da realidade.

No campo organizacional, parte-se do entendimento de que as organizações não são sistemas simples, fechados ou postos, mas são sistemas humanos, dotados de aspectos complexos (MORGAN; FROST; PONDY, 1983). Assim como na vida social os indivíduos possuem a capacidade de observar e refletir sobre distintas maneiras, nas organizações não poderia ser de outra forma (CARRIERI; SARAIVA, 2007). Nesse sentido, Salazar, Silva e Fantinel (2015, p. 454) entendem que o estudo do *Simbolismo Organizacional* decorre da necessidade de compreensão dos “significados produzidos e reproduzidos em um contexto organizacional, uma vez que as organizações podem ser vistas como sistemas humanos que se manifestam em padrões complexos de atividade cultural”.

Para exemplificar o simbolismo nas organizações, Morgan, Frost e Pondy (1983) fazem referência a um simples aperto de mão entre duas pessoas. Os autores explicam que em determinados grupos, como em organizações de maçonaria, essa ação pode significar laços de fraternidade e lealdade. Por outro lado, em determinado movimento político das décadas de 1960 e 1970, denominado de *Right On*, afirmaram os autores que o aperto de mão simbolizava interesses e valores divergentes – aspecto divergente do significado anterior.

Wood Jr. (2000), por sua vez, ao fazer alusão ao aspecto de liderança de uma empresa traz um exemplo sobre simbolismo organizacional, sob outro ponto de vista. O autor relata que ao longo do tempo a liderança do estilo autoritária sofreu alteração para uma liderança do tipo democrática, ou seja, líderes que controlavam seus subordinados passaram a conceder-lhes mais liberdade. Explica o autor que essa mudança ocorreu, a partir da década de 1980, após gestores serem instruídos por consultores a respeito de cultura organizacional, bem como sobre estrutura, estratégia e tecnologia, fatores que foram indicados como possíveis meios para agregar novos valores e significados para a organização, contribuindo, assim, para seu desempenho organizacional. Este exemplo de Wood Jr. (2000, p. 22) conduz a reflexão sobre o “controle cultural e a manipulação simbólica” nas organizações – ou seja, como modelos de liderança (e outros aspectos organizacionais) podem ser adotados para influenciar subjetivamente na organização do trabalho.

Em síntese, os símbolos nas organizações: (i) possuem significado particular e subjetivo, (ii) podem ser criados de maneira consciente ou inconsciente, (iii) podem ter diferentes significados para os indivíduos e (iv) podem ser utilizados como parâmetro para estudar cultura organizacional, liderança, discursos, comportamento e outros (MORGAN; FROST; PONDY, 1983). E, enquanto sistema complexo, a realidade organizacional é fluida; logo, um indivíduo que se insere nesse sistema pode interpretar símbolos existentes, internalizar outros, recriá-los conforme seus valores e/ou padrões anteriores, e assim segue, (re)construindo a realidade organizacional (MOTTA, 1993).

Neste ponto, vale mencionar que este estudo adota o paradigma interpretativista. Essa perspectiva subsidia aos Estudos Organizacionais analisar e refletir sobre aspectos que estão para além daqueles formalizados nas organizacionais, permitindo aos pesquisadores enxergar aspectos subjetivos, como os símbolos. Em outras palavras, Carrieri e Saraiva (2007) explicam que os estudos interpretativos permitem descortinar o que está para além da “ponta do iceberg” do ambiente organizacional, que é o que geralmente se evidencia em pesquisas acadêmicas. No

paradigma interpretativista, valoriza-se os processos simbólicos que dão sentido à vida cotidiana (MORGAN; FROST; PONDY, 1983), logo, possuem papel preponderante nas pesquisas interpretativistas os indivíduos que fazem parte do processo social, que vivem a realidade e que dão significado ou ressignificam a vida social.

Para complementar esse capítulo, insere-se à reflexão um dos aspectos da vida social que é o espaço social. Parte-se do entendimento de que espaço não é uma consequência do relacionamento entre o homem e a natureza bruta, nem uma combinação da sociedade contemporânea e o meio ambiente, como se conceitua nas definições clássicas da Geografia, mas considera-se que espaço é uma realidade formada por objetos (naturais, geográficos e/ou sociais) e a vida que interage com esses objetos (SANTOS, 2007). Considerando a execução dessas interações humanas, as práticas sociais tendem a influenciar na (re)configuração do significado dos espaços (MENEZES, 2009). Para melhor entendimento acerca desse assunto, faz-se necessário evidenciar a abordagem da *Produção do Espaço Social*, segundo Lefebvre (2006), filósofo e sociólogo francês.

Lefebvre (2006) parte da premissa de que “espaço social” é um produto social, fruto de interações dos sujeitos, seja no aspecto individual e/ou coletivo. Didaticamente, o autor explica que há uma tridimensionalidade da produção do espaço social, podendo o espaço ser compreendido sob a ótica do espaço concebido, espaço percebido e espaço vivido.

Por *espaço concebido*, Lefebvre (2006) refere-se aos espaços planejados por cientistas, urbanistas, arquitetos, engenheiros, elaborados de maneira intelectual, dotados de signos verbais. Na visão de Barbosa (2016), a concepção de espaços sociais advém de agentes externos a ele, como exemplos, de governantes e agentes do estado – indivíduos que empregam um discurso na conceituação do espaço, podendo ser ancorado em valores e interesses (WASSERMAN; FRENKEL, 2011). O *espaço percebido*, por sua vez, significa o espaço onde ocorrem as práticas sociais ou espaciais, quer dizer, onde há a realidade social, o cotidiano (LEFEBVRE, 2006). O discurso do planejamento do espaço (espaço concebido) é traduzido em artefatos materiais e em dinamicidade (WASSERMAN; FRENKEL, 2011); esses elementos são perceptíveis em práticas sociais dos indivíduos (CARDOSO, 2015). Barbosa (2016) sintetiza que o espaço percebido é, senão, a apropriação do espaço no cotidiano. Por fim, o *espaço vivido* refere-se aos espaços de representação, dotados de signos e símbolos sob o ponto de vista dos indivíduos (LEFEBVRE, 2006). Explica Lefebvre (2006) que o espaço vivido, diferentemente do “percebido”, tem um núcleo afetivo, ação, paixão das situações. Nas palavras de Carvalho (2012), o espaço vivido é também um espaço simbólico.

Wasserman e Frenkel (2011) exemplificaram as conceituações de espaços percebido e vivido em uma situação no contexto organizacional: funcionários de uma determinada empresa percebem que o estacionamento que eles deixam seus carros não possuem cobertura, por outro lado, o estacionamento da alta gerência e direção da empresa possui cobertura (conceito de espaço percebido); em um dia de chuva torrencial, os funcionários chegam ao local de serviço totalmente “molhados” – a intensidade da chuva e a falta de cobertura do estacionamento foram fatores que influenciaram nessa situação – os funcionários, ao compararem as estruturas dos estacionamentos e suas diferenças, sentem mal por isso (conceito de espaço vivido).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem de natureza qualitativa (BAUER; GASKELL, 2017), tendo como finalidade compreender os aspectos simbólicos da Festa do Congo na ressignificação do espaço social. Para fins deste estudo, considerou-se a Festa do Congo na localidade de Pitanga – também conhecida como Festa de São Benedito e Nossa Senhora do

Rosário de Pitanga – como uma organização –, ancorada nos estudos de Amaral (2008) e Davel e Paiva Junior (2019) que consideram festas como organizações.

Pitanga é um bairro do município de Serra, no Espírito Santo, que possui 1.630 habitantes (IBGE, 2010). O bairro, localizado às margens da Rodovia Governador Mário Covas e da BR101, possui características de localidade do Interior do estado, onde é possível observar sítios, fazendas, pastagens, currais, criações de gado e comercialização de leite.

A Festa do Congo de Pitanga acontece desde 1953 (NEVES, 2008). Tradicionalmente, a Festa ocorre durante três dias consecutivos, sempre no último final de semana do mês de outubro. Em 2019, quando a pesquisa de campo deste estudo foi realizada, a Festa aconteceu nos dias 25, 26 e 27 de outubro (sexta-feira à domingo).

A inserção no campo de pesquisa foi facilitada pelo fato de uma das pesquisadoras ser moradora do bairro Pitanga e participante ativa da Festa do Congo. Essa pesquisadora iniciou o campo de pesquisa no dia 22 de setembro de 2019 e permaneceu no campo até o final da Festa que ocorreu no dia 27 de outubro. A pesquisa de campo pôde ser subdividida em três etapas: a inserção ao campo na Igreja Católica, o ensaio da Banda de Congo e a Festa do Congo. Todos os momentos em campo foram registrados em diários de campo e, após, transcritos no *Word*.

Preferiu-se a inserção no campo por meio da participação em atos (missas e reuniões) da Igreja Católica no bairro Pitanga por alguns motivos, são eles: segundo alguns moradores antigos do bairro, a Igreja sempre foi atuante na organização da Festa de São Benedito e considerada uma referência dos moradores, um “ponto de encontro”, onde os moradores se encontravam para participar das missas e, na sequência, saírem em procissão pelas ruas do bairro; esses moradores também informaram que a Igreja promovia leilões e gincanas visando arrecadar recursos financeiros para arcar com despesas da Festa; há indícios de que a própria Igreja foi construída por escravos, tendo sido reformada anos depois, em 1987; além disso, a Festa do Congo envolve aspectos religiosos e homenagens a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, santos católicos (há registros de fotos de Festas de São Benedito de Pitanga, de anos anteriores, em que congueiros e participantes da Festa entraram na parte interna da Igreja Católica para homenagear os santos). Os moradores do bairro não souberam informar, mas a partir de determinado ano, a Associação de Moradores do Bairro Pitanga passou a organizar a Festa, juntamente com a Associação de Bandas de Congo de Serra e a Secretaria de Turismo do Município de Serra, Espírito Santo. A participação da Igreja Católica na gestão da Festa passou, então, a ser de maneira subsidiária.

A inserção da pesquisadora ao campo de pesquisa – como mencionado inicialmente, na Igreja Católica do bairro Pitanga –, envolveu a participação em missas e reuniões de grupo de oração na Igreja em dias de segundas-feiras e aos domingos. Nesses dias, a pesquisadora – enquanto observadora participante (FLICK, 2004) – buscou identificar características do espaço físico da Igreja, interna e externamente, características do espaço social, interações entre as pessoas nas missas e nas reuniões do grupo de grupo, bem como práticas no espaço, também atreladas às interações sociais.

A pesquisadora aproveitou a interação com membros da Igreja e convidou cinco pessoas a participarem do presente estudo, as quais aceitaram. O critério de seleção dos participantes pautou-se na maior assiduidade desses nas missas e nas reuniões de oração. O objetivo das entrevistas era identificar aspectos do espaço vivido na Igreja, como sentimentos e emoções durante missas e reuniões, significados desses momentos, interações com pessoas, e outros aspectos. As entrevistas foram realizadas tendo como referência perguntas abertas (KRONBERGER; WAGNER, 2002). De modo a deixar os entrevistados mais confortáveis, nenhum áudio de entrevista foi gravado, mas anotações foram feitas durante das conversas

informais para que detalhes das entrevistas não fossem perdidos e, posteriormente, as anotações foram transcritas em diário de campo.

A pesquisa de campo também contemplou um ensaio da Banda de Congo de São Benedito, que ocorreu no dia 14 de outubro de 2019, 10 dias antes do início da Festa do Congo. A pesquisadora, moradora do bairro, soube por intermédio de um familiar, integrante da Banda de Congo, que teria um ensaio na Casa de Congo Mestre Domingos Ramos e que ela poderia ir no local. Cerca de 25 pessoas participaram da reunião e do ensaio da Banda, entre crianças, adolescentes e adultos. A participação no local se resumiu a observar a reunião entre os integrantes da Banda e a tocar um instrumento de congo durante o ensaio. Durante uma breve reunião, antes do ensaio, os integrantes conversaram sobre a organização da Festa, incluindo as dificuldades de obter auxílio financeiro para a confecção de uniformes e vestidos para a Banda, decidiram quem iria carregar o mastro durante a Festa, também como ocorreria a distribuição de água, lanche e outros aspectos. Após as conversas, os integrantes ensaiaram – tocaram congo, cantaram músicas, dançarinas rodaram – e, ao final, ocorreu um lanche compartilhado.

O terceiro momento do campo de pesquisa envolveu a própria Festa do Congo em Pitanga. A pesquisadora, nativa do bairro, acompanhou os três dias da Festa, da sexta-feira ao domingo. Na sexta-feira, o movimento concentrou-se na Casa do Congo e ao redor dela, onde os integrantes da Banda pegaram os instrumentos e os uniformes. Ficaram conversando e fazendo os últimos ajustes da Festa os membros da Banda, do Congo Mirim e algumas pessoas da comunidade de Pitanga. No sábado, as pessoas novamente se concentraram na Casa do Congo, mas também ocorreram outras etapas da Festa do Congo, como cortejo nas ruas do bairro Pitanga, ida à Zona Rural, e outras atividades. E, no último dia da Festa, considerado o principal, a pesquisadora, além de acompanhar a missa no período vespertino na Igreja Católica do bairro – enquanto observadora participante –, também participou à noite da procissão de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (“festa profana”), momentos em que, além de observar também conversou participantes. Nesse dia, oito participantes da Festa do Congo foram entrevistados, os quais voluntariamente aceitaram participar do estudo. Todas as conversas foram conduzidas por roteiro com perguntas abertas que buscaram identificar aspectos simbólicos da Festa do Congo, significados, sentimentos, e outros aspectos do espaço vivido.

Ressalte-se que as identidades de todos os entrevistados foram preservadas nesse estudo por meio de pseudônimos. Vale acrescentar que nos três dias da Festa registrou-se os momentos da pesquisa de campo com fotos, as quais também compuseram o material de pesquisa.

Como procedimento de análise dos dados produzidos, ambas as autoras, realizaram a interpretação dos dados sob a lente do quadro teórico de referência desse estudo, especialmente no tocante à visão de espaço social conforme Lefebvre (2006) – procurou-se identificar e refletir sobre similitudes dos dados com os conceitos teóricos.

4. APRESENTAÇÃO DO CAMPO: A FESTA DO CONGO DE PITANGA

Para melhor compreensão do campo de pesquisa subdividiu-se esse capítulo em dois principais subitens: Espaço Concebido e Vivido da Igreja (4.1) e Festa do Congo (4.2). Este último subitem possui outros, os quais apresentam as etapas da festa (4.2.1) e seus aspectos simbólicos (4.2.2).

4.1 O ESPAÇO CONCEBIDO E VIVIDO DA IGREJA

O espaço da Igreja Católica do bairro Pitanga foi escolhido para apresentar, preliminarmente, nesse capítulo porque, além de ser um espaço social relevante para a Festa do Congo (conforme se verá no subitem 4.2), é também um espaço central para os moradores da localidade. Em se tratando da necessidade de compreensão da ressignificação do espaço social a partir da Festa do Congo – objeto deste estudo –, a Igreja deve ser um espaço considerado.

A pesquisa de campo possibilitou perceber que o principal intuito das missas na Igreja era fazer as rezas e comungar (tomar a hóstia, que significa o corpo Cristo). As missas eram sempre realizadas pelo padre que permanecia no altar juntamente com o seminarista e dois coroinhas que o auxiliavam com os utensílios da eucaristia (apresentação da hóstia e do vinho através de rezas). As missas seguiam um roteiro que vinha da Arquidiocese, contendo vários textos para cada momento. Além dos textos, os roteiros da Arquidiocese também ditavam as regras de vestimentas dos seminaristas e dos coroinhas.

As reuniões do grupo de oração, por sua vez, tinham como objetivo orar e ter um momento mais intenso de reflexão da Bíblia. Essas reuniões eram mais dinâmicas do que as missas. Ao contrário das missas, as reuniões eram coordenadas por mulheres que pregavam a Bíblia, cantavam hinos, intercediam por todo o grupo e acompanhavam a organização do culto.

Na missa, participavam aproximadamente 35 pessoas, entre adultos, idosos, crianças, adolescentes, jovens. Nas reuniões de oração participavam aproximadamente 20 pessoas. As mulheres eram maioria nas missas e nas orações. Tanto as missas, quanto as reuniões de oração, ocorriam na parte interna da Igreja (Fotografia 1). Geralmente, após esses atos na Igreja, permaneciam na parte externa (Fotografia 2) sempre as mesmas pessoas (moradores do bairro), que ficavam conversando sobre as atividades semanais da Igreja e outros assuntos, como: em que casa seria o círculo bíblico, o horário de celebração ou oração em outra comunidade. Também foi presenciada a venda de cachorro-queente para arrecadar dinheiro para Igreja.

Fotografia 1 – Parte interna da Igreja



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Fotografia 2 – Parte externa da Igreja



Fonte: Elaborado pelas autoras.

As pessoas mais assíduas da Igreja vão ao local para orar ou rezar, e nesses momentos elas pedem ou agradecem algo a Deus. Foi possível observar algumas pessoas se ajoelhando quando chegavam na Igreja ou após receberam a hóstia nas missas. A Igreja também pode ser considerada um espaço de acolhimento comunitário, pois sempre era visto um membro da Igreja na porta de entrada recepcionando as pessoas com um cumprimento e um sorriso, e ao final das missas e orações as pessoas se cumprimentam com um abraço. O padre, por algumas ocasiões, foi convidado para almoçar na casa de fiéis da Igreja. Ainda é possível refletir que a Igreja é um espaço social de desabafos da vida. Em reuniões do grupo de oração, especialmente, as pessoas, se sentiam mais confortáveis para chorar, lamentar algumas aflições da vida

pessoal, perdas de entes familiares, orar e pedir ajuda divina para passar por momentos de tristeza. É possível constatar tais afirmações nas narrativas de falas de alguns devotos:

“Para mim a missa representa um encontro com Deus, um momento de unidade. Se eu não vou a Igreja, eu sinto falta. No santíssimo é como se eu estivesse apenas eu e Deus. Sinto alegria e bem-estar ao ouvir os louvores. E o sinal da cruz significa pra mim proteção” (Kátia).

“A gente tem que pedir a Deus que aconteça tudo como planejamos. Todo mundo que vai na Igreja é porque tem um propósito. Gosto de estar o domingo na Igreja, receber o calor humano. [...] Tenho a sensação de que Deus está entre nós” (Ângela).
“Para mim, a missa significa a apresentação de Jesus, no corpo e no sangue, presença do povo, cura, fé e relação com Cristo. [...] Eu sinto a presença do Espírito Santo na missa e no grupo de oração. Fico feliz quando o louvor toca uma pessoa que está no culto e faz a pessoa se emocionar, atinge a alma dela e a pessoa passa a ter alegria espiritual” (Heliomar).

4.2 A FESTA DO CONGO

4.2.1 As etapas da Festa

Na *sexta-feira da Festa* ocorre a levada do navio, partindo da Casa do Congo para Zona Rural de Pitanga. O Congo realiza a peregrinação pelas ruas do bairro acompanhado da Banda de Congo Mirim, levando o navio para Zona Rural. O Congo deixa o navio no local e retorna tocando os instrumentos até a Casa do Congo. Neste dia, as dançarinas da Banda de Congo não utilizam os vestidos rodados; são os homens que carregam o navio.

A levada do mastro acontece no *sábado da Festa*. O Congo sai da Casa do Congo com o mastro, realizando a procissão pelas ruas do bairro até a Zona Rural (Fotografia 3). O mastro é carregado por homens, acompanhado dos congueiros. Quando chegam no local, o mastro é colocado dentro do navio que foi levado na sexta-feira (Fotografia 4). Após, o Congo continua a procissão de volta à Casa do Congo. Nesse dia, as dançarinas estavam com seus vestidos brancos rodados e algumas tocavam instrumentos.

Fotografia 3 – Mastro sendo levado



Fotografia 4 – Mastro sendo colocado no navio



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No *domingo da Festa* acontece a puxada do navio e a fincada do mastro na frente da Igreja Católica de Pitanga. Neste dia, o navio é enfeitado pelos festeiros – ele recebe bandeirolas coloridas. O Congo parte da Casa do Congo (que fica na Praça Central do bairro) e segue em procissão até a Igreja Católica. No caminho, a Banda de Congo de Pitanga se encontra com mais cinco outras bandas de congo de bairros vizinhos e em frente a Igreja se junta à Banda Estrela dos Artistas (banda tradicional da cidade), iniciando a partir dali a procissão até a Zona Rural para buscar o navio com o mastro. Quando chegam à Zona Rural, os congueiros colocam uma corda no navio que os ajuda a puxar o navio durante a procissão (Fotografia 5).

Fotografia 5 – Homens puxando o navio durante a procissão



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Chegando na frente da Igreja Católica, a procissão para e os congueiros fincam o mastro em buraco (Fotografias 6 e 7) e, após a fincada, soltam fogos de artifícios.

Fotografia 6 – Fincada do mastro (início)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Fotografia 7 – Fincada do mastro (final)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em ato contínuo à fincada do mastro, a Banda de Congo de Pitanga entra no pátio da Igreja (parte externa) (Fotografias 8 e 9). Nesse mesmo tempo, algumas pessoas, participantes da Festa, entram na parte interna da Igreja para fazerem rezas, enquanto outras permanecem do lado externo, tocando instrumentos e/ou cantando e dançando congo.

Fotografia 8 – Congueiros no pátio da Igreja



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Fotografia 9 – Congueiros durante a Festa



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Depois, o Congo retorna em direção à Casa do Congo, tocando, cantando e dançando. Especialmente no domingo, as ruas de Pitanga ficam lotadas de pessoas, tanto de moradores quanto de pessoas de outros bairros da cidade e de outras cidades. É muito comum os moradores da localidade ficarem em frente às suas casas “esperando o Congo passar” para festejar (Fotografia 10). Foi perceptível também que a movimentação de pessoas também reflete no comércio local, aumentando as vendas para os comerciantes locais e os “ambulantes”. Ainda na frente da Casa do Congo e arredores, as pessoas ficam festejando, conversando, dançando, bebendo – a Festa continua com shows de bandas.

Fotografia 10 – Pessoas reunidas na frente de uma casa esperando o congo passar



Fonte: Elaborado pelas autoras.

4.2.2 Aspectos simbólicos da Festa

A Festa do Congo de Pitanga possui diversos aspectos simbólicos, dentre os quais, alguns se destacam. Vários objetos que fazem parte da Festa possuem uma carga de significado (PARDINI; GONÇALVES; KILIMNIK, 2008): *navio, corda e mastro*.

Em síntese, contam os moradores mais antigos da localidade que há uma história de que em 1856 houve um naufrágio de um navio africano. Neste navio havia 25 tripulantes, escravos negros. O navio naufragou próximo à praia de Nova Almeida, cidade de Serra; e os tripulantes, agarrados num mastro que se desligou da embarcação, suplicaram a São Benedito, um santo negro, que os ajudasse e salvasse daquela situação¹. Anos depois, os escravos que se salvaram criaram uma banda de congo e pediram aos seus senhores permissão para festejar e pagar a promessa de salvação do naufrágio. Com um madeiro, fizeram o mastro, erguendo a bandeira de São Benedito. Com ajuda de seus senhores, os escravos enfeitaram um navio pequeno com flores para homenagear os escravos que morreram no naufrágio e com uma corda eles amarraram envolta do navio, e em seguida, puxavam o navio até a casa dos seus senhores. Em frente a casa dos senhores, esses escravos retiravam o mastro de dentro do navio e o fincavam

em um buraco na frente dessa casa. Registre-se que nas casa dos senhores havia, normalmente, uma Capela. Essa é a remontagem histórica da Festa do Congo de Pitanga.

O navio, objeto do naufrágio, é durante todas as etapas da Festa carregado por homens; normalmente, os congueiros. Na fala de um dos moradores do bairro fica explícita a memória do naufrágio: “O barco representa aquele que naufragou junto com os negros né, quando os negros vieram em se eu não me engano, quando eles vieram para o Brasil, que teve o naufrágio do navio. Carregar o navio significa demonstração de fé, de pagar uma promessa, de fazer um pedido. É um momento das pessoas demonstrarem sua fé ao santo preto” (Judas). Percebe-se pela fala que para além de ser um simples objeto, o navio carrega o significado de “fé”, de “pagar uma promessa”, de agradecer ao santo por algo que ele ajudou a se concretizar. O histórico vivenciado pelos escravos negros no passado, permanece “vivo” entre os congueiros na Festa do Congo.

Quanto à corda que se coloca para puxar o navio da Zona Rural até a Igreja Católica, foi perceptível que os homens se prostam à frente para puxar o navio durante a procissão, pois possuem mais força física. No entanto, durante o percurso, jovens, crianças, mulheres, homens, de quaisquer idades, seguravam na corda. Quando perguntada o que significava tocar na corda, Luzia respondeu “Muita fé, fé em relação ao que você tá fazendo né”. Nesse mesmo sentido, Sebastião disse: “A pessoa tem que ter fé. Se você tiver fé, você consegue, se você não tiver, não consegue, nem bota a mão nela”. A corda recebe, senão, um significado “sagrado” para a Festa do Congo, um significado de “fé”. Como relatado na história, a corda foi um objeto adotado pelos escravos para auxiliar na organização da homenagem ao São Benedito. Contudo, apesar de terem utilizado corda com essa finalidade, o objeto passou a ter um significado particular e subjetivo (MORGAN; FROST; PONDY, 1983) na Festa do Congo de Pitanga.

Com relação ao mastro, é relevante registrar que ele significa uma conquista e a fincada simboliza “fé”, “gratidão”, “promessa”. O congueiro Bento explica que “no mastro contém o estandarte de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que é erguido em frente à Igreja Católica, representa o mastro do navio em que esses negros se agarram [...]”. Quando os congueiros estão se aproximando da Igreja cantam assim: “Ó chegou, chegou, o congo do Rosário chegou”. É um momento especial da Festa: os toques dos instrumentos ficam mais graves, alguns congueiros pulam e dançam, as dançarinas rodam; até que o mastro é fincado.

O *aspecto da fé* é muito característico entre os participantes da Festa do Congo de Pitanga. Algumas pessoas lembram que a Festa e o próprio Congo é algo que perpassa as gerações familiares dos moradores da localidade. A Festa é também um momento de estar em família e de rever pessoas. A seguir estão alguns trechos de narrativas que comprovam tais constatações:

“Muita devoção, cultura. Participo pela tradição do congo na Serra, a Serra é bem tradicional no congo, tanto da festa da Serra, quanto na de festa de Pitanga. Me traz um sentimento de muita devoção e paz” (Francisco).

“Para mim é uma festa cultural, uma festa bonita, uma festa religiosa” (Lurdes). “Me traz um sentimento de muita devoção e paz. Eu tenho 63 anos agora, e quando eu nasci já tinha ela, já estava aqui [...] eu amo o congo, porque todos os meus netos estão nele, antes era meu pai e meu sogro” (Penha).

“Eu participo porque eu gosto. Eu amo São Benedito, porque ele é o meu santo protetor” (Pedro).

“Sou devoto, porque nasci no meio dele. Eu sempre fui componente do congo desde criança. Traz lembrança dos meus pais, dos meus avós, um sentimento de devoção” (Sebastião).

“A Festa, para mim, significa muita alegria e diversão. Venho porque me divirto, encontro os amigos e é só alegria” (Luzia)

O Congo é tão relevante para a localidade que durante a Festa do Congo, por onde as Bandas de Congo passam em procissão, um congueiro é responsável por soltar fogos de artifícios – simbolizando “o Congo está passando”. Relativo à Banda de Congo, é possível inferir que cabe aos homens tocarem os instrumentos (tambor, zabumba, cuíca, apito, triângulo, chocalho, casaca, tambor), às mulheres dançarem com seus vestidos rodados, e a todos cantarem. A congueira Úrsula explica que a dança no Congo é: “[...] um festejo, é um incentivo pro pessoal do congo, porque quando o pessoal do congo está desanimado, a gente começa a dançar e eles animam novamente”. Complementa outra congueira: “[...] a gente se sente feliz, a gente tem que rodar. A gente roda no meio da dança, porque a gente se sente tocado” (Cecília).

Durante a Festa do Congo de Pitanga algumas *bandeiras* são vislumbradas: uma possui a imagem de São Benedito, uma a imagem de Nossa Senhora do Rosário e uma outra a imagem de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. As bandeiras são carregadas pelas mulheres da Banda do Congo durante a procissão, que vão se revezando durante o percurso. A bandeira que fica a imagem de ambos os santos é também carregada pelos participantes da Festa durante todo percurso da procissão. Quando o Congo entra na parte externa da Igreja Católica, as bandeiras ficam esteadas (Fotografia 11). Em todos os momentos da Festa, é possível observar a fé e devoção dos participantes para com os santos católicos (Fotografia 12).

Fotografia 11 – Bandeiras



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Fotografia 12 – Participante da Festa com bandeira nas mãos



Fonte: Elaborado pelas autoras.

As referências fotográficas, somada a experiência do campo de pesquisa, permite apontar o caráter santo-profano (AMARAL, 2008) da Festa do Congo de Pitanga, pois o santo (homenagens a santos católicos – São Benedito e Nossa Senhora do Rosário), por meio do Congo, se entrelaça com o profano da Festa, também pelo Congo e outros tipos de bandas/músicas seculares, associada à venda e uso de bebidas alcoólicas, desvirtuam o foco religioso e “sagrado” da festa. Não se pode olvidar que a Festa do Congo de Pitanga possui uma variedade de aspectos simbólicos que, em seu conjunto, reconstroem a realidade (MOTTA, 1993; CARRIERI; SARAIVA, 2007) daquele espaço. Interessante que os símbolos da Festa possuem significados subjetivos que são compartilhados entre as pessoas e esses significados são transmitidos entre as gerações; há uma sustentabilidade da cultura e da própria noção da realidade, dos valores e dos significados.

5. RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL A PARTIR DA FESTA DO CONGO

A análise dos dados conduziu a compreensão de que os aspectos simbólicos da Festa do Congo impactaram significativamente o espaço social da localidade de Pitanga. Pode-se destacar alguns espaços em especial: a Igreja Católica, as ruas, os comércios, as praças. A ressignificação do espaço social a partir da Festa envolveu alguns aspectos: (i) as pessoas que compartilham o espaço, (ii) as interações realizadas pelas pessoas e (iii) os significados do espaço e (iv) os sentimentos das pessoas com relação ao espaço. A seguir estão algumas reflexões:

- (i) **Pessoas:** o aspecto quantitativo ressignificou a localidade. Durante a realização da Festa houve circulação de cerca de 5 mil pessoas no bairro (domingo da Festa), segundo informações (triplicou a população local). A localidade com característica de “cidade de interior” (com currais, gados, fazendas) cedeu seu espaço para uma tradicional festa com cunho religioso (fé, devoção) e de entretenimento. Os participantes da Festa envolvem, em termos gerais, homens, mulheres, crianças, idosos. É notório, que em sua maioria os congueiros (também compreendem pessoas em diversas idades, homens e mulheres) são negros. Na organização do Congo há algumas divisões em torno das tarefas (homens com tarefas mais físicas e mulheres com tarefas relacionadas à dança e proteção às bandeiras). Ademais, a Festa do Congo também movimentou o comércio local (antes, o comércio limitava-se a pequenos comerciantes locais e com a Festa reúne estes e ambulantes).
- (ii) **Interações:** os participantes da Festa produziram interações entre si em prol da realização da Festa (Banda de Congo local e associação de moradores) e durante a execução da mesma. Durante a Festa, as pessoas se reúnem com familiares, amigos e vizinhos em frente as suas casas para esperar e ver o Congo passar (ato tradicional). As pessoas saem com outras para fazer a procissão. A Festa é considerada um momento de interação, festa, alegria, música, e um espaço de rever pessoas, reencontrar amigos. A Igreja Católica, que em registros e memórias históricas era uma organização atuante na gestão da Festa, limita-se, atualmente, a um “local de encontro” dos congueiros e dos participantes da Festa e um local em que ocorre alguns atos da Festa. Vale mencionar ainda que há pouca interação dos devotos católicos e dos representantes da Igreja Católica com os congueiros; por outro lado, há uma forte interação da comunidade local com as Bandas de Congo (é algo que se perpetua ao longo do tempo).
- (iii) **Significados:** a localidade passa a ter alguns significados a partir da Festa, quais sejam: transmissão de cultura, tradição, costumes e valores familiares. Há uma associação de elementos religiosos (fé, “pagar promessa”) com a cultura local.
- (iv) **Sentimentos:** a Festa do Congo ressignifica os sentimentos das pessoas com relação ao espaço. Os moradores locais, por exemplo, por terem fé e serem devotos de São Benedito, participam da Festa para encontrarem os amigos e familiares e se recordarem de seus familiares já falecidos. Também sentem alegria e euforia ao participarem da Festa e ao acompanharem a peregrinação ao som do Congo.

Com base nesses aspectos pode-se refletir que a ressignificação do espaço a partir da Festa do Congo implicou em alterações na dimensão do espaço vivido, também chamado de espaço simbólico (LEFEBVRE, 2006; CARVALHO, 2012). A Igreja Católica, por exemplo, um espaço que outrora fora concebido (planejado) com ritos e cerimônias religiosas, a partir da Festa do Congo dá lugar ao popular – a mistura da fé (santo religioso católico – São Benedito)

com o profano da dança, da alegria, da cultura local do Congo. Os mais diversos e variados símbolos da Festa subsidiam a compreensão da transformação de alguns espaços sociais do bairro Pitanga, para além da Igreja Católica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos simbólicos da Festa de Congo ressignificam o espaço social, especialmente quanto às pessoas, às interações, ao significado e ao sentimento/emoções. Em relação aos sujeitos, a Festa proporcionou maior fluxo de pessoas na localidade, afirmou a característica da cultura tradicional dos povos negros e reafirmou a divisão sexual das tarefas por meio das atividades do Congo; em relação às interações, a Festa envolve organizadores, componentes das Bandas de Congo (congueiros) e de outras Bandas, participantes da Festa, expectadores, comunidade local, comerciantes, e outras pessoas; a Festa, quanto ao seu significado, relacionase à tradição, ao costume transmitido por familiares, por gerações; e, quanto ao sentimento das pessoas diante do espaço social, a integração da fé (religiosidade) e da alegria (caráter profano) são elementos que impulsionam a participação das pessoas na Festa e pode-se dizer que têm fortalecido a sua existência na vida social daquela localidade há tantos anos.

Para estudos futuros, é relevante considerar o campo de pesquisa abordando outros aportes teóricos, como por exemplo, a teoria das práticas no contexto dos Estudos Organizacionais, bem como a inserção de conceitos como o *organizing*; aprofundar o conhecimento sobre a história do congo no Brasil, no Espírito Santo e no município da Serra e utilizar como referência outros bairros onde ocorrem a Festa de São Benedito. Acrescente-se ainda, em termos metodológicos, as oportunidades de estudar a Festa do Congo Capixaba e a Festa da Polenta (CALIMAN, 2012), duas tradicionais festas culturais capixabas, que guardam particularidades interessantes; e, analisar a realidade atual da realização de “festas” no formato virtual devido à pandemia da COVID-19, como foi no caso da Festa do Congo de Pitanga no ano de 2020 (A GAZETA, 2020).

REFERÊNCIAS

A GAZETA. **Festa de São Benedito da Serra vai até o dia 26 de dezembro em formato virtual**. 2020. Cultura. Disponível em:

<<https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/festa-de-sao-benedito-da-serra-vai-ateo-dia-26-de-dezembro-em-formato-virtual-1220>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

AMARAL, R. Festas, festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil. In: II Colóquio Festas e Sociabilidades – CIRS/CASO/CEFET. **Anais...** Natal: 2008.

BARBOSA, Y. M. Produção do espaço sob a égide do higienismo: o espaço vivido, concebido e percebido na juiz de fora do final do século XIX. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 12, n. 22, p. 50-61, jun. 2016.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel.

BORGES, A. F.; ENOQUE, A. G.; KATRIB, C. M. I.; GONÇALVES, L. R. D. Práticas organizativas: um estudo sobre o congado na Região do Triângulo Mineiro. **RIGS**, v. 5, n. 1, jan./abr. 2016.

CALIMAN, N. F. Tradição Italiana e Modernidade: a organização da Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante. **RIGS**, v. 1, n. 2, p. 115-137, 2012.

CARDOSO, C. O espaço e o lugar na favela: as diferentes representações e identificações sobre a Favela da Maré, Rio de Janeiro. **Geosul**, v. 3, n. 2, p. 7-24, jul./dez. 2015.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. (Orgs.). **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007.

CARVALHO, D. R. As práticas espaciais do percebido, concebido e vivido nos municípios de Lisboa e Sintra. **Revista de Geografia (UFPE)**, v. 29, n. 3, 2012.

COSTA, M. D. C. As bandas de congo mirins: ensino popular e vivência de cultura afro-brasileira na Serra (ES). **Revista História**, v. 1, n. 1, p. 157-178, 2012.

COSTA, D. P.; MATTOS, T. F. A cultura e religiosidade do congo capixaba. **Revista Unitas**, ano 1, v. 5, n. 2, 2017.

DAVEL, E.; DANTAS, M. Festas populares na Bahia: gestão e dinâmica identitária. **Pragmatizes**, ano 17, n. 17, abr./set. 2019.

DAVEL, E. P. B.; PAIVA JUNIOR, F. G. Festa, cultura e empreendedorismo cultural: uma introdução. **Teoria e Prática em Administração**, v. 9, n. 2, jul./dez. 2019.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei nº 10.363, de 07 de maio de 2015**. Vitória, 2015. Disponível em: <<https://conslegis.es.gov.br/>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

FERREIRA, M. M. Congada de Catalão (GO): o sincretismo da Festa Popular na perspectiva dos devotos. **Revista Mosaico**, v. 13, p. 6-17, 2020.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KRONBERGER, N.; WAGNER, W. Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In: BAUER, M. B.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (pp. 416-441). Petrópolis: Vozes, 2002.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Paris: Anthropos, 2006.

MENEZES, M. A Praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais descrição da praça no mapa social de Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, p. 301-328, jul./dez. 2009.

MORGAN, G.; FROST, P.; PONDY, L. Organizational symbolism. In: PONDY, L. et al. (eds.). **Organizational symbolism**. Connecticut: Jay Press, 1983. p. 3-35.

MOTTA, F. C. P. Controle social nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n. 5, p. 68-87, set./out. 1993.

NEVES, G. **Coletânea e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

PARDINI, D. J.; GONÇALVES, C. A.; KILIMNIK Z. M. Manifestações simbólicas nas relações intra e intraorganizacionais. **Revista Economia & Gestão**, v. 8, n. 17, p. 51-69, mai./ago., 2008.

PASSOS, M. **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SALAZAR, K. A.; SILVA, A. R. L.; FANTINEL, L. D. Outros olhares sobre as organizações: contribuições dos simbolismos e da etnografia nos estudos organizacionais. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 20, n. 2, p. 451-470, jul./dez. 2015.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Edusp, 2007.

SILVA, N. B. P.; FANTINEL, L. D. Desigualdades e resistências no organizar de práticas festivas marginalizadas. **O&S**, v. 28, n. 96, p. 112-134, 2021.

WASSERMAN, V.; FRENKEL, M., Organizational aesthetics: caught between identity regulation and culture jamming. **Organization Science**, v. 22, n. 2, p. 503-521, 2011. WOOD JR, T. Organizações de simbolismo intensivo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, n. 1, p. 20-28, jan./mar. 2000.

ⁱ No Município de Serra são realizadas várias Festas de Congo por causa deste fato. Costa (2012) afirma que há mais de um século há festejos populares de bandas de congos em agradecimento pelo milagre que o santo negro, São Benedito, teria realizado naquela ocasião. São realizadas festas em Serra Sede, Santiago, Pitanga, Manguinhos, Jacaraípe, Nova Almeida, além de outros municípios do estado do Espírito Santo (COSTA, 2012).